Artes Visuais

A Puget o que é de Puget

FERNANDO CERQUEIRA LEMOS

São Paulo é uma cidade pobre de monumentos escultóricos, apesar de ter espalhada pela cidade uma multidão de figuras de bronze, mármore ou granito. Poucos são os de boa qualidade e a maioria esmagadora não vale o espaço que ocupa.

É verdade que agora temos a praça da Sé com 15 obras contemporâneas de autoria dos melhores nomes da escultura moderna brasileira, série que foi inaugurada com o "Condor" de Bruno Giorgi, que é também o autor do monumento a Dante Alighieri, nos jardins da Biblioteca Mário de Andrade. Há o trabalho de Mary Vieira, no Ibirapuera, em homenagem a Pedro de Toledo, o governador paulista na Revolução de 1932. Existe, a escultura de Nicolas Vlavianos, na confluência das ruas 24 de Maio e Dom José de Barros. E, também, a obra de Flávio de Carvalho, na praça das Guianas, em homenagem ao poeta espanhol Garcia Lorca, destruída por vândalos e por vários anos enferrujada, serrada e esquecida pela Prefeitura em um dos seus depósitos, até que um grupo de estudantes sequestrou a escultura, remontando-a na Cidade Universitária, depois no vão do MASP e atualmente no seu antigo e devido lugar.

Mas, o mais importante e conhecido monumento existente na cidade é sem dúvida o dedicado às bandeiras, de autoria de Vitor Brecheret, no Parque do Ibirapuera, pelo seu volume e pelo prestígio do nome de seu autor, sem dúvida um sensível escultor que deixou uma importante obra hoje nos acervos dos museus paulistas, praças e locais públicos, como Joana D'Arc, no Teatro Maria Della Costa; Diana Caçadora, no Teatro Municipal; Graça I e Graça II, na Galeria Prestes Maia; Fauno, no Parque Siqueira Campos, Banho de Sol, no Largo do Arouche; a fachada do Joquei Clube paulistano e a Via Crucis, na capela do Hospital das Clínicas (tombada pelo Condephaat), entre outras. É também de Vitor Brecheret o monumento a Caxias, na Praça Princesa Isabel, talvez a obra menos feliz que o escultor produziu.

Aliás, quem quiser ver a exposição de Brecheret no Centro Campestre do Sesc (av. das Jaboticabeiras, 1.100 — Rio Bonito) ainda tem o dia de hoje até às 17 horas. Lá estão expostas quatro esculturas de bronze, inclusive uma cabeça, estudo para o monumento às bandeiras, que integra o acervo do MASP. As demais peças ("Pirogra", "Bol" e "Cristo") pertencem à família do escultor.

E o resto? É resto mesmo, com algumas exceções.

Ceschiatti esculpiu um "José Bonifácio" de qualidade duvidosa, de costas para a praça do Patriarca, se gundo consta, por causa de uma banca de jornais. O "João Mendes", sem maior importância enquanto escultura, antes sobre uma pilastra na praça a que deu seu nome, agora está colocado diretamente sobre o chão, com a grama a lhe coçar o queixo, em frente à Faculdade de Direito do largo de São Francisco.

A praça Buenos Aires é um depósito de mau gosto e de erros que precisam ser corrigidos. O busto de Rivadávia, ali plantado, é verdadeiramente um monstro e o "Hércules e o Leão", que não é Hércules, está pedindo retificação.

O Padre Anchieta, na Praça da Sé, é um desprimoso de ruindade e o Bonecão (Borba Gato), em Santo Amaro, é o ponto alto do "kitsch", uma "obra" de Júlio Guerra que domina a entrada daquele bairro.

Não fiz um levantamento do que existe em São Paulo e não é pretensão minha fazer um balanço do que há de ruim e do que há de bom. Essas obras citadas apenas me vieram à lembrança, em razão de carta que recebi do prof. Wilson Leite de Morais, a respeito exatamente do "Hércules" na praça Buenos Aires.

Wilson conta que em uma de suas aulas de História da Arte mostrou slides de um exemplo característico do barroco francês, a escultura "Milon de Crotona", de autoria de Pierre Puget, acervo do Museu do Louvre. Trata-se de uma obra do século 17, esculpida em mármore, quando o artista já tinha 62 anos de idade, encomendada pelo ministro Colbert.

"Através de formas contorcidas e tratamento dramático — escreve Wilson Leite de Morais — o autor desenvolve episódio do famoso lutador dos jogos olímpicos quando, já velho quis experimentar sua força abrindo com as mãos uma árvore que já estava rachada porém as duas metades se uniram e ele ficou preso por quatro dedos sendo devorado por um leão".

Cópia (bronze) do original (mármore) de Puget, retrato o atleta Milon sendo devorado por um leão.

Conta Wilson que um aluno seu levantou a dúvida: tal escultura mostrada em aula não era "Milon de Crotona" de Puget, mas "Hércules e o Leão", de Silliensis, conforme legenda em bronze no pé da escultura, em cópia existente na praça Buenos Aires.

Claro que Wilson tem toda razão. A escultura é indiscutivelmente de Pierre Puget e representa Milon, o atleta grego que nasceu em Crotona no sexto século antes de Cristo, grande herói das olimpíadas gregas. Conta a lenda que se tratava de um homem de força descomunal, capaz de carregar um touro às costas e que certa vez sustentou com as mãos o forro que ameaçava despencar de suas colunas, durante uma aula do mestre Pitágoras, de quem foi aluno.

"A cópia (de bronze) — informa a carta — encontra-se no pátio externo da Escola Municipal Infantil "Monteiro Lobato", construída nos fundos da praça Buenos Aires, em Higienópolis. Creio que é da alçada do Dep. de Cultura da Prefeitura proceder à devida retificação, pois trata-se de obra famosa executada em Toulon e Marselha e enviada a Versalhes tendo o ministro Colbert cuidado de todas as negociações para sua execução. É tão convincente a expressão de dor do atleta (atacado pelo leão) que, ao vê-lo, logo após desencaixotado, exclamou a rainha Maria Teresa: "Pobrezinho!"

Adiante diz Wilson Leite de Morais: "A confusão do nome provavelmente se deu devido a um dos trabalhos de Hércules "O Leão de Nemeia" (o animal é estrangulado). Fato mitológico enquanto o personagem de Puget é histórico, do século 6 A.C. Que se faça a correção, antes tarde que nunca".

Convém acrescentar que o próprio Pierre Puget esculpiu uma figura de Hércules para o marquês de Girardin, além de produzir um outro Hércules, quando encontrava-se na Itália, chamado "Hercule Gaulois", igualmente acervo do Louvre. O que pode também ter contribuído para as confusões que identificaram erradamente o conjunto de bronze da praça Buenos Aires.

Mário Chamie, secretário municipal de Cultura, tenho certeza, vai cuidar desse assunto, desfazendo o equívoco.

O ESCULTOR

A título de ilustração, para quem não conhece esse importante escultor francês, adiantamos algumas informações.

Pierre Puget, paralelamente à sua atividade de escultor, foi pintor e arquiteto, tendo deixado uma extensa obra, tanto na França como na Itália, onde viveu em dois períodos. Nasceu e morreu em Marselha, vivendo 74 anos (1620-1694).

Trabalhou ainda muito jovem em estaleiros, esculpindo em madeira peças para navios. Com 17 anos vai para a Itália onde estuda pintura com Pietro da Cortona, tendo colaborado na decoração do forro do palácio Barberini, em Roma. Com 23 anos volta a Marselha e retoma suas atividades de escultura em madeira para os estaleiros locais.

Em Paris, Puget trabalhou como arquiteto no "château" de Vaux.

Novamente viaja para a Itália, onde permanece por oito anos, entre 1661 e 1669, executando inúmeros trabalhos para igrejas e palácios de Gênova.

De regresso à França, mais uma vez volta aos estaleiros, em Toulon, como decorador naval. Exerce também, neste período, em Marselha, a atividade de arquiteto.

Quando o ambiente é a obra

A artista sansei Lidia Okumura, que chegou a São Paulo em novembro último, vinda do Japão, regressa neste mês a Nova York, onde reside e vai retomar seu trabalho.

Aproveitando a presença da artista, a Pinacoteca do Estado convidou-a a ocupar o espaço da arena, onde está apresentando, até 1.º de março, a sua criação "Instalação/Espaço — Arena".

Lidia Okumura, radicada nos Estados Unidos desde 1974, completou no Japão um ano de permanência como bolsista da "Fundação Japão", realizando instalações em recintos de galerias de arte contemporânea de Tóquio e de Osaca e participando de seminários sobre arte contemporânea, na qualidade de artista convidada pelo crítico de arte prof. Ichiro Hariu, na Wako University.

Lidia Okumura tem realizado desde o início da década de 70, trabalhos ambientais com caráter gráfico/construtivo, visando à alteração na percepção do espaço de que se apropria. Destacou-se no Brasil por sua participação nas exposições de jovens arte e nas Bienais de São Paulo, obtendo prêmios com suas experiências e recebendo convites para instalações e conferências, da Galeria de Arte Contemporânea "Estudio Actual" de Caracas (Venezuela), do Museu de Arte da Canbrook Academy of Art de Michigan e do Pratt Institute, de Nova York.

Em 1977 Lidia obteve o prêmio "Bienal Internacional de São Paulo" com o ambiente intitulado "Reflexões".

A proposta desenvolvida por Lidia Okumura na Pinacoteca do Estado comporta rebatimentos em perspectiva nas paredes, de uma forma quadrada pintada sobre a superfície horizontal do tablado central. Utilizando ainda cordões que saem dos vértices das formas criadas na projeção, a obra é uma linguagem de movimento entre a dinâmica e a estática, permitindo a imaginação de formas intermediárias, proporcionando ao espectador se desloca dentro do recinto.

NO JAPÃO

Lidia Okamura, brasileira, nissei de terceira geração (sansei) conta que foi essa a primeira oportunidade que teve de conhecer o Japão e poder comparar duas culturas. "Foi como voltar às origens, o que hoje me facilita entender melhor meus pais, outras pessoas, coisas e imagens que tinha do Japão, antes de ir para lá."

E faz um resumo de suas exposições individuais, a convite, em duas galerias de Tóquio e uma de Osara.

"A primeira exposição aconteceu logo depois da minha chegada a Tóquio, na galeria Ginzakaigakan, em abril de 1979. Apresentei — diz — uma instalação e sete desenhos que levei de Nova York. A instalação eu realizei estendendo a cor do piso sobre as paredes, usando formas triangulares, variando a altura dos vértices, para criar movimento e transformar a estrutura da própria sala de exposições. O público podia fazer leitura pessoal, pois ela ficou na dependência da altura dos olhos e da movimentação de cada um. Centro do ambiente que era, no seu total, o espaço da obra.

"Estendi um cordão próximo e paralelo às paredes para que sua sombra fosse projetada, a fim de realçar a estrutura do espaço, criando um ponto de referência entre a imaginação do espectador e a realidade, num valvêm de interpretações.

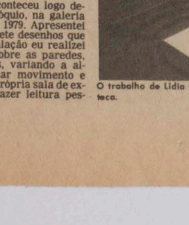
"A exposição teve bastante repercussão, por ter sido considerada de caráter inédito no Japão".

A segunda exposição de Lidia foi realizada em Osaca, na galeria Utsubo, em janeiro de 1980. A galeria aproveita o espaço de uma construção antiga, com pelo menos 200 anos de existência. "Minha proposta — conta Lidia — também foi a alteração visual e sensorial do ambiente, criando dimensões diferentes da forma real. Reveiei o conceito da obra através de 12 desenhos que produzi em Tóquio.

A terceira exposição foi realizada em Tóquio, na galeria Watari, em maio de 1980, "que resultou bastante interessante pelo formato triangular do próprio ambiente, dotado de paredes de vidro, deixando a vista o exterior, a paisagem da rua. Aqui também trabalhei nas paredes e estendi cordões, aproveitando as características da sala. A exposição ainda mostrava, com desenhos, diversas maneiras de conceituar meu trabalho".

Prossegue Lidia: "Chegando em novembro a São Paulo fui convidada pela Pinacoteca para trabalhar no espaço da arena, espaço que me interessou pela beleza arquitetônica do local, de formato octogonal, com degraus rodeando um tablado central circular. A instalação que apresento na Pinacoteca envolve também o uso do piso e das paredes.

Finalizando, Lidia Okumura diz que acredita, com suas obras, estar propondo motivações para a imaginação pessoal do espectador, em relação ao seu próprio interior. "A minha obra é um elemento intermediador para deixar fluir os conceitos do real e do imaginário, do bi/tridimensional, onde qualquer interferência no usuário — conclui — existe na medida em que aborda e coloca uma nova realidade."



O trabalho de Lidia Okumura na arena da Pinacoteca.

A Ponte Torta vai ficar

Jundiaí está de parabéns. O prefeito Pedro Fávaro, entendendo a importância da Ponte Torta para a memória da cidade, acertadamente resolveu preservá-la. Não só a ponte, também o Cine Teatro Politeama que desapropriará, reformará e transformará em Teatro Municipal.

O comunicado foi feito no dia 31 de dezembro, em reunião que o prefeito manteve com o Conselho Municipal de Cultura. Oficialmente disse que vai desapropriar o Cine Teatro e preservar a Ponte Torta, independentemente de decisão do Condephaat, onde tramita um processo de tombamento.

Notícia o "Jornal de Jundiaí": "Conforme Fávaro, o Cine-Teatro Politeama deverá ser restaurado pela própria Prefeitura, no prazo de aproximadamente um ano, a partir de sua desapropriação e será transformado em um teatro com capacidade para 1.500 pessoas. Quanto à Ponte Torta, o prefeito disse que estão sendo feitos os "detalhamentos dos custos e dos métodos que serão adotados para sua preservação e que obrigarão a algumas modificações no projeto de regularização do rio Guapeva, cujas obras foram iniciadas no segundo semestre de 1980", — F.C.L.

CARTA

O juiz José Renato Nalini, que batalhou pela preservação da Ponte Torta, manda carta encaminhando recorte do "Jornal de Jundiaí":

"Muito obrigado por tudo. A repercussão de suas análises e apelos foi tão favorável, que tenho a impressão de que a comunidade venceu. O prefeito Pedro Fávaro se sensibilizou com os pedidos, conforme anunciou na tarde de 31 de dezembro último.

"Além da ponte, resolveu preservar também o Cine Politeama, um dos mais antigos da cidade e que também se encontrava ameaçado.

"Com isso, demonstra-se que vale a pena um pugilo de pessoas se interessar pelo patrimônio de sua comunidade, pois a mobilização da sociedade civil é a única forma de conferir maior responsabilidade ao mandato público.

"Oficiei ao prefeito, cumprimentando-o pela atitude. E sugeri a criação de um Condephaat local, o quanto possível desvinculado de injunções políticas, para que a comunidade tambem possa estudar, analisar e propor a conservação de bens de seu interesse. Com isso, evitar-se-ia aquela celeuma do "interesse local" que, conforme você mesmo salientou, é tão elástico.

"O Concurso está de pé e conto com você para a Comissão de Premiação e também para incentivar amigos fotógrafos a concorrerem. Mas, por enquanto, parece que o seu trabalho surtiu efeito. Parabens!"

Notas

Está nas bancas o número 61 da revista "Módulo", dirigida por Oscar Niemeyer e dedicada à arquitetura, arte e cultura. Entre os vários assuntos, "Módulo" publica o debate "Arte e Política", com a participação de Ferreira Gullar, Elmer Barbosa, Atos Bulcão, Alair Gomes e Cláudius. Ainda podem ser lidas as boas reportagens "Tunga: da Partitura ao Objeto", com texto de Ligia Canongia e "Concretismo", com texto de Lourdes May (há duas datas erradas no texto. Charoux, o bom amigo Charoux que está curtindo uma cama imposta por seu médico, nasceu em 1912 e não em 1928, como informa "Módulo" e Luis Sacilotto não é de 1942, obviamente, pois em 1952 ele já participava da mostra concreta no MAM).

Em "Módulo" pode ainda ser lido texto de Pedro Vasquez, "Fotografia como Arte", e a reportagem de Zulmira Ribeiro Tavares sobre os aparelhos de Waltério Caldas Jr.

Finalmente convém tomar conhecimento dos depoimentos e entrevista a respeito da obra do arquiteto Décio Tozzi que Niemeyer diz ter "excepcional talento e essa coragem de adotar a solução nova que a tantos intimida".

*

O Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicação e Arte da USP recebeu convite do artista italiano Nicola Frangione, para participar da 4.ª exposição de "mail art", que está organizando. O tema é a "Casa do Artista" e os interessados (quem quiser) deverão enviar 4 slides representando a própria casa ou ateliê, a própria mesa de trabalho, a própria pessoa do artista. Os interessados deverão enviar seus trabalhos até março próximo para Nicola Frangione, Via Ortigara 17, 20052 Monza, Itália. Os participantes receberão catálogo.

*

A pesquisadora e crítica de arte Aline Figueiredo, que atua em Cuiabá, Mato Grosso, e a gravadora Edith Behring, do Rio de Janeiro, conquistaram os prêmios "Gonzaga Duque" e "Mário Pedrosa", respectivamente, concedidos pela ABCA sob o patrocínio da SEAC/Funarte/Ministério da Educação e Cultura.

O prêmio Gonzaga Duque, no valor de Cr$ 70 mil, foi entregue a Aline Figueiredo pela sua obra "Artes Plásticas no Centro-Oeste", o primeiro levantamento no gênero efetuado naquela região. A comissão julgadora dessa premiação foi constituida dos srs. Elmer C.Correa Barbosa, Donato Mello Jr., Alberto Beuttenmuller (pela ABCA) e sras. Maria Elizabeth Pereira e Rosa da Matta (pela Funarte).

O prêmio ABCA-Mário Pedrosa ficou com a gravadora Edith Behring, não só pela exposição individual que fez na Galeria Gravura Brasileira, como pela sua atuação na própria evolução da gravura no Brasil, da qual é indiscutivelmente uma das grandes presenças.

*

A União dos Fotógrafos do Estado de São Paulo convida todos os interessados para um debate a se realizar na próxima terça-feira, dia 13, às 19 horas no MIS (av. Europa, 158), sobre o tema "Produção, Importação e Distribuição de Material Fotográfico no Brasil".

Foram convidados representantes das seguintes empresas: Agfa, Curt, Fotótica, Fuji, Kodak, Mercantil Interfoto, Polaroid, Sosecal e Cacex.

*

A finalidade do debate é fornecer aos fotógrafos um panorama do que pode ser encontrado hoje, em termos de material sensível e principalmente o que se pode esperar para o futuro.

*

O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, inaugura no dia 14, às 19 horas, exposição de 55 fotografias e 7 pinturas de Cybèle Varela, todas de 1980.

A artista, natural de Petrópolis e há muito tempo está radicada em Genebra, Suíça.

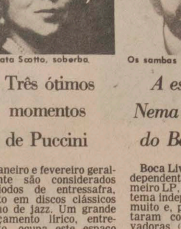
Sobre suas obras diz René Deroudille: "... Cybèle Varela não se revoltou contra a alienação da fotografia a um tipo de pseudo-realismo falsamente poético. Pintora, dotada de uma imaginação plástica, ela se mostra capaz de colocar em questão a imagem, e de propor interrogações existenciais às quais ela sabe responder". A exposição permanecerá aberta até dia 1.º de fevereiro.

Discos/Lançamentos

Três óperas, uma obra-prima.

Sucesso com independência.

Baby, muita saúdade de Gal



Renato Scotto, soberba.

Os sambas de sempre.

Três ótimos momentos de Puccini

Janeiro e fevereiro geralmente são considerados períodos de entressafra, tanto em discos clássicos como de jazz. Um grande lançamento lírico, entretanto, ocupa este espaço vazio:

Giacomo Puccini: "Il Trittico". Caixa com três LPs mais os libretos completos de três óperas. "Il Tabarro" com Renata Scotto, Placido Domingo, Ingvar Wixell; Ambrosian Opera Chorus, regente, John McCarthy; Orquestra Philharmonia, regência de Lorin Maazel; "Suor Angelica" com Renata Scotto, Marilyn Horne, Ileana Cotrubas, Ambrosian Opera Chorus e Desborough School Choir, regência de John McCarthy e Robert Durston; Orquestra New Philharmonia; regência de Lorin Maazel; "Gianni Schicchi", com Tito Gobbi, Ileana Cotrubas, Placido Domingo; London Symphony Orchestra; regente Lorin Maazel (CBS) — Puccini já era famoso (com "Tosca" e "Bohème"), quando pensou em aproveitar o projeto da ópera em um ato concebida por Richard Strauss. A idéia de reunir três óperas curtas o agradava, pela possibilidade de contraste que três cenários muito diferentes lhe ofereceriam. "Il Tabarro" aborda o eterno problema do triângulo amoroso, numa partitura cheia de colorido e muito bem construída do ponto de vista cênico. Já se nota, nela, a intenção de Puccini de buscar o efeito quase da fala no canto, e, sobretudo, a vontade de arquitetar grandes conjuntos — não é de admirar, portanto, que "Il Tabarro" não possua sequer uma única ária. No plano estritamente musical, algumas audácias harmônicas interessantes, como as oitavas alteradas (que se transformam em sétimas aumentadas) da dança dos personagens Talpa, Tinca e Luigi. "Suor Angelica", a segunda obra do "Trittico", tem cenário radicalmente diverso: um convento. O ambiente religioso sempre agradou ao compositor, que possuía uma irmã freira, à quem sempre visitava no Convento de Vicopelago. Ne afã de reproduzir o clima monástico, Puccini renuncia às audácias harmônicas, embora não deixe de utilizá-las já no primeiro compasso, deliciosos intervalos dissonantes de segunda. De qualquer maneira, "Gianni Schicchi", a terceira ópera do "Trittico", é a real obra-prima do conjunto. Quase todos os personagens, quinze ao todo, permanecem em cena praticamente todo o tempo — e isso evidencia a tentativa de dominar as cenas de conjunto (no que, aliás, Puccini é mestre incontestável). Genialmente, o compositor movimenta a trama e a ação — incrivelmente cômicas — através da música, construída em curtíssimos motivos que constantemente se desenvolvem, criando novas figuras. Até a entrada do personagem-título, por exemplo, Puccini trabalha apenas com dois motivos, um ostinato, o outro mais rápido e ligeiro. Uma tal economia de meios estruturais lhe basta para uma incredível variedade de colorido e caracterização ambiental. Quanto à interpretação, Renata Scotto está soberba em "Tabarro" e "Suor Angelica", ao lado dos não menos talentosos Placido Domingo e Ileana Cotrubas; em "Gianni Schicchi", um show de Tito Gobbi, La Cotrubas e de novo Placido Domingo. Na corretíssima concepção geral, está o sempre competente Lorin Maazel. Um lançamento lírico soberbo. João Marcos Coelho.

A estréia de Nema e a forma do Boca Livre

Boca Livre, Bicicleta (independente) — Seu primeiro LP, também pelo sistema independente, vendeu muito e, por isso, não faltaram convites das gravadoras (que antes o recusara) para este segundo. Mas o grupo preferiu seguir independente, no que fez muito bem. Formado por David Tygel, José Renato, Lourenço Baeta e Maurício Maestro, o Boca Livre contou, desta vez, com a participação de Nanã Vasconcelos e Tom Jobim. Entre as faixas estão "Um Canto de Trabalho" (Nélson Angelo-Cacaso), "As Moças" (José Renato — Juca Filho), "Correnteza" (Tom Jobim — Luis Bonfá), "Porto Seguro" (David Tygel-Márcio Borges), "Passarinho" (Lourenço Baeta) e "Nossa Dança" (Danilo Caimi-Ana Terra).

Luis Airão (Odeon) — Sétimo LP do cantor e compositor incluindo suas parcerias com Lourenço ("Coração Solitário"), Higino Tadeu ("Súbita Paixão"), Picolino da Portela ("De Amigo Pra Amigo"), e Sidnei da Conceição-Augusto César ("Casados"). Ayrão canta também "Bonequinha", de João de Deus-Doguinha, "A Gente Pode Se Encontrar", de Norman, e "O Milagre Brasileiro", só dele.

Corujinhas (Continental) — Este grupo de teatro, além de fazer peças infantis grava, de vez em quando, um LP, com músicas de sucesso também destinado à meninada. Neste seu mais recente estão "Rastapé" "Chega Mais", "Papai Me Empresta o Carro", "A Banda", "Trem das Onze", "Foi Deus Quem Fez Você", "Banho de Lua" e "Balancê".

Nema, Pássaro Livre (RCA) — Contratada pela gravadora desde 1977, para onde foi levada por José Fernandes, então jurado do programa de calouros de Silvio Santos, só agora essa mineira lança seu primeiro LP.

Antes de vir para São Paulo tentar a vida profissional de cantora, ela estudava Química Industrial em Belo Horizonte. "Pássaro Livre", que dá nome ao disco, é uma versão de "El Condor Pasa", do folclore peruano. Entre as outras músicas do repertório estão "Para Lennon e McCartney", de Lô Borges-Fernando Brant-Márcio Borges; "Ou" e "Até Sangrar os Dedos", de João Boa-Morte; "Geração" e "Coração Alado", de Abner Nascimento; e "Andarilho", de Renato Teixeira.

Nueva Cancion de Chile, Volume 2 (Bandeirantes) — Lucas Robles, que canta três faixas do disco "Atrita em la Cordillera", "Tonada a Manoel Rodrigues" e "La Mujer Que Yo Mas Quiero") é um argentino que está há dois anos no Brasil tentando carreira artística. Em Buenos Aires, chegou a ter um trio, "Los de Siempre", com sete LPs gravados. Possivelmente fará um LP só este ano na Bandeirantes. Raul Ellwanger é gaúcho e não só canta como compõe uma faixa do LP "Nueva Cancion de Chile", chamada "Farewell". A compositora Violeta Parra comparece com três músicas: "Volver a Los 17", cantada por Voces de América, "La Carta", por Talo Pereira y su Grupo, além de "La Mujer Que Yo Quiero", com Lucas Robles.

Dirceu Soares.

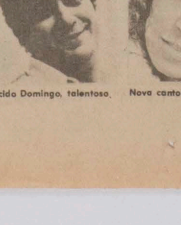
Baby, Pepeu e Verdi, todos "para dançar"

Neste ano, ainda não foi lançado nenhum disco de jazz ou pelo menos instrumental. E, apesar da movimentação realmente espantosa do setor em 1980, o mês de dezembro passado chegou a ser bastante fraco em termos de novidades. Entre o que não foi comentado ainda, estão os dois LPs de WEA que focalizam os shows de Pepeu Gomes e Baby Consuelo no 14.º Festival de Montreux, na Suíça, realizado em julho do ano passado.

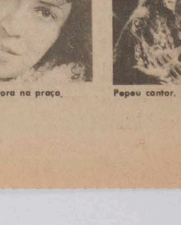
Ao contrário de músicos brasileiros que participaram de Montreux nos anos precedentes — como o excelente Gilberto Gil e o vulcânico Hermeto Paschoal — Pepeu e Baby só fizeram mesmo barulho. Comecemos gentilmente por ela. Em oito músicas, a repetição gratuita de temas já de há muito explorados, como "Brasileirinho", o eterno "Menino do Rio", de Caetano, uma horrível versão de "Sebastiana", que dá saudades da gravação de Gal Costa. E, finalmente, o mesmo "Eu e a Brisa" que foi mostrado no Festival do Rio de Janeiro do ano passado. Um disco chocho, frouxo, bem distante dos começos dos Novos Baianos.

Agora, Pepeu. Um pouco melhor quando se limita a fazer o que sabe, ou seja, tocar guitarra. Mas quando canta, o desastre é inevitável. Na verdade, os dois discos são iguais, já que no dele Consuelo é convidada, e no dela o inverso acontece.

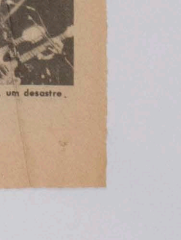
A surpresa de dezembro foi mesmo a Copacabana, que vinha numa política excelente de lançamentos e descambou ruidosamente, num pacote horrível de oito LPs, que incluem — em versões ruins — dois volumes de "Hits" com "as mais belas melodias russas jamais reunidas em disco", dois volumes de marchas militares alemãs (o momento não poderia ser pior, depois da goleada histórica de Montevidéu). O Waldo de los Rios germânico, chamado Arno Flor, também comparece com duas monstruosidades: "Traum Serenade", que reúne grosseiros arranjos de temas eruditos, como Beethoven (adágio da "Patética") e até o "Prelúdio n.º 18", do "Cravo Bem Temperado", de Bach; e o horripilante "Giuseppe Verdi para Dançar" (sic). Sinta o drama lendo os títulos em inglês das árias famosas: "Lovers Prelude", da "Traviata", "Gypsy Bossa Nova", do "Trovatore"; ou "Lovely Girl", do "Rigoletto". Para fechar com chave de ouro está sequência de lixos, um disco descontraído, intitulado "O Gaiteiro Alegre", com Fred William, um moço loiro com uma camisa estampada de flores que aparece na capa. No repertório, surpreendente, "Balão da Serra Grande", "Uma Farra na Churrascada", "Um Paulista na Paquera", e uma faixa no mínimo insólita, "Balança o Saco". Como se vê, a indústria do disco não tem tanta razão ao reclamar de crise. Afinal, quanta matéria-prima jogada fora com estas baboseiras, totalmente idiotas. A esperança é de que a Copacabana tenha apenas sofrido uma recaída temporária, e retorne ao nível observado em 1980. — João Marcos Coelho.



Placido Domingo, talentoso.



Nova cantora na praça.



Pepeu cantor, um desastre.

instituto moreira salles